

REDAÇÃO GLOBO DE TELEVISÃO
CENTRAL GLOBO DE PRODUÇÕES

NOVELA: ROQUE SANTEIRO - SUA FABULOSA ESTÓZIA E DE SUA FOGOSA VIUVA,
A QUE ERA SEM NUNCA TER SIDO.

CAPÍTULO: 22

AUTOR: DIAS GOMES

DIRETOR: DANIEL FILHO

SEES:

DELEGACIA
SAGUÃO DA POUSADA
casa do PREFEITO
CASA DE PORCINA
QUARTO DE ROBERTO E GERSON
CASA DE SINHOZINHO MALTA
QUARTO DE LINDA E TITO

EXTERNAS:

PRAÇA
DECO/CASA DE ASTOMAR
IGREJA (EXTERIOR E INTERIOR)

PERSONAGENS:

VIUVA PORCINA	LINDA
ROBERTO MATHIAS	TITO
GERSON DO VALE	PADRE HONÓRIO
RODÉSIO	PORTEIRO
CALA	
LUISÃO	
SEU FLÓ	
DELEGADO	
CEGO JEREMIAS	
TIQUINHO	
NINON	
ROSALY	
MOCINHA	
DONA POMBINHA	
ASTORIA JUNQUEIRA	
ZÉ DAS MEDALHAS	
TONINHO GILÓ	
MATILDE	
SINHOZINHO MALTA	
TÂNIA	

FIGURANTES: Fotógrafo, Maquinistas, Soldado, Maquiadora, Rize, Pintor, beatas, povo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

FINAL DO CAP. ANTERIOR

APRESENTA- COMEDIAL

EXTERNA - PAAÇA - DIA

CONTINUAÇÃO DA CENA. TODOS AINDA

INDIGADOS,
PERPLEXOS, SEM GERSON CAMINHA PARA

O JIPE DE PORCINA. GERSON - Minha senhora... a senhora viu o que fez?

PORCINA RESPONDE TRANQUILA,

SORRINDO.

PORCINA -- Vi.

GERSON - A senhora quebrou os rebatedores! Isso custou dinheiro!

PORCINA - Mande a conta, eu pago.

GERSON - Não é só o dinheiro, é o tempo que vamos perder!

PORCINA - Isso é bom. Esse tempo vai servir pra vocês entenderem que essa fita não pode ser feita assim, sem dar satisfação a quem merece. Viu?

ROBERTO SE APROXIMA

ROBERTO - Ela fez de propósito?

PORCINA OLHA COM ARROGANCIA

PORCINA - Fiz, por que, mocinho?

ROBERTO - Porque isso merecia...

A FIGURA AMEAÇADORA DO NEGRO

RODÉSTIO, QUE LEVA A MÃO AO

CINTURÃO FAZ COM QUE RODÉSTIO

MUDE DE TOM, INTIMIDADO. PORCINA - Merecia o que, mocinho?

ROBERTO - ^{minha senhora} Nada... ^{isso é} eu sou apenas um ator... ^{Minha} ~~problema de produção~~ ~~mas se fosse comigo...~~

PORCINA ARRAÇA COM O JIPE

E SE AFASTA. ROBERTO SEGUE-A

COM O OLHAR.

ROBERTO - Que mulhéão, hem!

GERSON, TRÊMULO DE RAIVA,

DIREGE-SE A SEU FLÔ.

GERSON - Seu Prefeito... inda bem que o senhor viu ^{isso é um absurdo!} tudo! E eu exigi uma providência!

FLÔ SE ESQUIVA

FLÔ - Que providência o senhor querê que eu tome?

GERSON - Sei lá! Nessa cidade civilizada essa mulher seria presa ou internada num hospício!

FLÔ TEM UM SORRISO IRÔNICO

FLÔ - Eu avisei ~~o senhor~~ ^{minha} que ela não era de brinca-

deira. O senhor não acreditou...

FLÔ SE AFASTA, DEIXANDO GERSON

SEM SABER O QUE FAZER. GERSON - Mas seu Prefeito...

FLÔ - Desculpe, mas eu tenho que despachar...

CARLA - Gerson, que é que a gente faz?

GERSON - Sei lá... espera, deixa pensar!

O CEGO JEREMIAS SE APROXIMA,

GUIDO POR TIQUINHO. JEREMIAS - Um auxílio pra um pobre cego...

GERSON EXPLODE

GERSON - Auxílio? De auxílio preciso eu!

CORTE

SET - DELEGACIA - DIA

O DELEGADO ESTÁ SENTADO À SUA

MESA, FOLHEANDO UMA REVISTA.

HÁ UM SOLDADO SENTADO JUNTO

À GRADE DA CADEIA. ENTRAM GERSON

E LUISÃO, O DIRETOR DE PRODUÇÃO. GERSON - O Delegado?

O SOLDADO APOENHA, OS DOIS SE DE-

LOCAM À MESA DO DELEGADO. GERSON - Boa tarde... Nós queremos fazer uma
queima...

O DELEGADO ABRE O LIVRO DE RE-

GISTRO DE OCORRÊNCIAS MAQUINAL-

MENTE.

DELEGADO - Seu nome?

GERSON - Gerson do Vale.

DELEGADO - Brasileiro?

GERSON - Brasileiro, casado... quer dizer, desquita-
do...

DELEGADO - Profissão?

GERSON - Cineasta.

O DELEGADO ELIGE OS OLHOS

PARA GERSON.

DELEGADO - ~~Cineasta~~ Como é?

GERSON - Cineasta. O senhor entendeu o que?

DELEGADO - Desse pessoal que chegou pra fazer uma
fita aqui na cidade...

GERSON - Isso mesmo. Eu sou o Diretor. Este é meu Dir-
tor de Produção. Nós vamos começar hoje as filmagens
e sofremos um atentado. Uma mulher, uma louca, avan-
çou contra nós num jipe e destruiu quase todo o nosso
material. Quase atropela todo mundo.

DELEGADO - Não me diga!

GERSON -- Absurdo. Inacreditavel. Nunca vi uma coisa assim.

DELEGADO -- Nem eu. Me diga quem é essa dona que eu mando prender. Mesmo sendo malicia, meto ela no cadeia.

GERSON -- É uma viuva... Viuva Porcina. O sobrenome deve ser...

AO DISCUTIR O NOME DE PORCINA,

O DELEGADO MUDA DE ATITUDE. DELEGADO -- Viuva Porcina?! O senhor quer me dizer que a Viuva Porcina fez uma coisa dessa?

GERSON -- Está aqui uma testemunha.

LUIZÃO -- Foi isso mesmo, seu Delegado.

GERSON -- E posso trazer mais. Duas, três, dez testemunhas, se o senhor quiser. Todo mundo viu. Até o Prefeito.

DELEGADO -- Moço, o senhor não é daqui... Sabe quem é a Viuva Porcina?

GERSON -- Sei. É a viuva de Roque Santeiro. É rica, dona de fazenda, os combou. E daí?

DELEGADO -- Daí que mesmo assim o senhor quer registrar essa queixa?

GERSON -- Quero. Fago questão.

DELEGADO -- Tá bom, eu registro.

GERSON -- E quero mais. Quero que o senhor me dê garantias.

DELEGADO -- Garantia de que?

GERSON -- De poder trabalhar. Tenho direito, não é? Quero que o senhor mande prender alguns homens pra garantir a nossa segurança.

DELEGADO -- Olhe, moço, isso eu não posso fazer.

GERSON -- Por que?

DELEGADO -- *Em primeiro lugar porque / Não tenho gente pra isso. Em segundo lugar...*
chamar tem uns dez segundo-lugares...

GERSON -- Então não adianta nem dar a queixa.

DELEGADO -- Isso é com o senhor. Mas se quer um conselho de amigo, acho melhor o senhor não se meter com essa gente. É o mesmo que rezer em casa de marimbondo.

GERSON ENTENDE

GERSON -- É, estou vendo...

DELEGADO -- Mas se o senhor ^{quiser} ~~quiser~~, eu registro a queixa e abro inquérito. *É minha obrigação.*

GERSON -- Não, precisa não. Obrigado.

GERSON SAI, IRRITADO, SEMPRE

DE LUISÃO. O DELEGADO TEVE UM

SORRISO.

DELEGADO -- Quovendo briga com a viuva Porcina... Tô doido.

ENTRAN O SOLDADO RI.

CONTE

SET -- SAGUÃO DA POUSADA -- DIA

ALÉM DO PORTALÃO, EM CENA CARLA,

A MAQUINADORA, O FOTÓGRAFO, QUE

VÃO AO ENCONTRO DE GERSON QUANDO

ELE ENTRA COM LUISÃO. CARLA -- Como é que foi?

GERSON -- Ninguém dá garantias, nem o Prefeito, nem o Delegado... parece que todo mundo morre de medo daquela mulherzinha. Luisão, será que dá pra consertar aqueles rebateadores?

LUISÃO -- Que dá, dá. Vai levar um tempinho.

GERSON -- Veja se encurta o mais possível esse tempinho. Sabe, cada dia que passa é dinheiro perdido.

ROBERTO DESCE A ESCADA DE BERMUDAS,

MUITO ESPORTIVO, ÓCULOS ESCuros. GERSON -- Aonde você vai?

ROBERTO -- Já que não tem filmagem, vou dar uma paquerada por aí. Fazer um ~~xxxxxxxxxxxx~~ estudo do mercado. Prometo trazer pra vocês um levantamento completo de todo o ^{material} ~~material~~ ^{mulherão} feminino da cidade. Já vi umas lebres...

ENTRAM, DA RUA, NINON E ROSALY.

ROBERTO, QUE IA SAINDO, VOLTA E

SEQUE-AS COM O OLHAR. ELAS SOBEM

A ESCADA SOALINDO PARA ELE. ROBERTO -- Talvez seja melhor ficar por aqui mesmo... Estão hospedadas aqui?

GERSON -- Roberto, pelo amor de Deus, já começamos hoje dando uma ziquizira dos diabos...

ROBERTO -- Mas o que é que eu estou fazendo?

GERSON -- Nós viemos aqui fazer cinema, Roberto Matthias. Cinema.

ROBERTO -- E eu estou à disposição. Hora de filmagem é hora de filmagem. Obedeço ao Diretor. Agora, hora de folga é hora de folga. O Diretor sou eu.

ROBERTO SAI. GERSON DESDESPERA.

GERSON -- Anhem Não é possível que exista no mundo um país onde seja mais difícil fazer cinema que o Brasil!

CORTE

SET -- CASA DO PREFEITO -- DE NOITE

SEU FLÔ ENTRA. DONA POMBINHA E

MOCINHA VOLTAM-SE PARA ELE, ANSIOSAS.

POMBINHA -- É verdade mesmo, Flô? Diz-que a Viuva Porcina fez um fuzuê lá na praça!

FLÔ -- É.

MOCINHA -- Mas por que? Ela não quer que façam a fita?

FLÔ -- Quer. Mas quer ler a estória ~~antes~~ primeiro. O Diretor da fita não quer deixar nem por nada.

POMBINHA -- Ah, é por isso?

MOCINHA -- Então ela não sabe como é... Mas disseram que ia ser tudo como ela contou...

FLÔ -- Eles andaram tomando informação dela e ^(com) ~~de~~ ^(com) todo o mundo sobre a vida dele, antes de fazer a estória.

MOCINHA MOSTRA O SEU DESPEITO

MOCINHA -- Menos de mim. E é capaz de nem falarem de mim na fita.

POMBINHA -- E você queria?

MOCINHA DÁ DE OMBROS

MOCINHA -- Eu?... Nem tou ligando. Pra mim, tanto se-me-dá como se-me-deu.

POMBINHA -- Pois então?

MOCINHA GRITA, HISTÉRICA! MOCINHA -- Mas se não falarem é porque ela proibiu. A viuva! E eu garanto que dela vão falar a fita inteira.

FLÔ -- Mas é claro, oxente. Ela casou com ele, ficou viuva. Você foi só namorada.

POMBINHA -- E já devia ter esquecido isso e casado. ^{antes de dobrar o Cabo da Boa Esperança.} É o que você precisa, é casar. Enquanto é tempo, ^{com isso!} ~~casar~~ casar!

MOCINHA -- E pare ~~de falar isso~~ A senhora sabe que eu não vou casar nunca! Jurei morrer solteira, vou morrer solteira!

MOCINHA SAI, BRUSCAMENTE,
BATE A PORTA DO QUARTO. OUVEM-SE
PALMAS. FLÔ E POMBINHA VOLTAM-SE
PARA A PORTA.

FLÔ -- Quem é?

ASTROMAR (OFF) -- É de paz.

POMBINHA ABRE A PORTA, AS-

TRÔMAR SUAGE.

POMBINHA -- Professor Astromar...

ASTROMAR -- Posso penetrar?

FLÔ -- Penetra, professor.

ASTROMAR -- Dona Pombinha, como está a senhora?

POMBINHA -- Como Deus quer, professor. Vou avisar Mocinha que o senhor está aqui...

POMBINHA SE AFASTA

ASTROMAR -- Então, ^{aproxima-se} ~~será depois de amanhã~~ o grande evento...

FLÔ -- Que vento, professor?

ASTROMAR -- A inauguração da estátua.

FLÔ -- Ah, sim... ~~Depois de amanhã~~. Já está certo que o senhor será o primeiro orador.

ASTROMAR -- Uma honra que agradeço em nome do Centro Cívico.

NA PORTA DO QUARTO DE MOCINHA,

POMBINHA CHAMA

POMBINHA -- Mocinha... o professor Astromar está aqui...

MOCINHA (FORA). Que vá pro inferno!

ASTROMAR ESCUTA E SE CHOCA

FLÔ -- O senhor não repare... minha filha ^{anda} ~~está~~ muito nervosa...

POMBINHA VOLTA, CONSTRANGIDA

POMBINHA -- Professor, Mocinha está com muita enxaqueca, pede desculpas...

ASTROMAR LEVANTA-SE

ASTROMAR -- Compreendo... transmita a dona Mocinha as minhas escusas e os meus votos de pleno restabelecimento...

~~POMBINHA ESCUTA E SE CHOCA~~ FLÔ -- O senhor já vai?...

POMBINHA -- Mas volte amanhã... ~~Ela~~ Mocinha gosta muito do senhor... até decora as palavras que o senhor diz... Volte amanhã, ela vai estar melhor...

ASTROMAR -- Dona Pombinha, não sou um General que ~~depois de ser repellido~~ bata em retirada após ser repellido no primeiro assalto à fortaleza inimiga. Sou dos que voltam a atacar até obter a rendição da fortaleza. Boa noite.

FLÔ -- Boa noite, professor.

ASTROMAR SAI.

POMBINHA -- Um homem tão inteligente, tão instruído... e Mocinha trata ele desse jeito. Será verdade ^{isso} ~~que~~ dizem dele?

FLÔ - O que?

POMBINHA - Que vira lobisomem depois da meia-noite.

FLÔ - Não acredito nisso. Invenção do povo.

CORTE

EXTERNA - RUA - NOITE

ILUMINAÇÃO - LUA BEM ESCURA

ASTROMAR SE APROXIMA E CRUZA
COM ZÉ DAS MEDALHAS E GILÔ,
QUE VÊM EM SENTEDO CONTRÁRIO.

ZÉ - Boa noite, professor.

ASTROMAR - Boa noite, Zé das Medalhas.

ASTROMAR SEGUE E ZÉ DAS MEDALHAS

COMENTA EM VOZ BAIXA COM EILÔ. GILÔ - Já é meia-noite?

ZÉ - Não, falta muito.

GILÔ - À meia-noite, ele vira...

CORTE

SET - CASA DE SEU FLÔ - NOITE

CONTINUAÇÃO DA CENA.

POMBINHA - Eu também não acredito nessas coisas...
mas você reparou nos dentes dele?... Muito esqui-
sitos...

CORTE

SET - RUA - NOITE

ASTROMAR ENTRA EM CASA. UM

SOBRADEIRO BELHO. HÁ UMA LATA

DE LIXO NA PORTA. ^{ELE JOGA A LIXO NA LATA ANTES DE ENTRAR} ZÉ DAS ME-

DALHAS E GILÔ SE APROXIMAM,

PARAM DIANTE DA LATA. GILÔ

APANHIA UMA PENA DE CARANGUEIJO

E MOSTRA A ZÉ.

ZÉ - Que é isso?

GILÔ - Carangueijo!

ZÉ - Comida de lobisomem...

ENTÃO OS DOIS SE ENTREOLHAM,

IMPRESSIONADOS.

CORTE

FLÔ - O que?

POMBINHA - Que vira lobisomem depois da meia-noite.

FLÔ - Invenção do povo.

POMBINHA - Eu também não acredito nessas coisas...

~~mas quando estava lá com eles, eu vi os dentes dele...~~

~~você reparou nos dentes dele?... Muito esquisitos...~~

CORTE

SET - CASA DE PORCINA - NOITE

SINHOZINHO MALTA ACABOU DE

CHEGAR.

PORCINA - Te contaram o que eu fiz com eles?

MALTA - Contaram. Na cidade não se fala de outra
e coisa.

PORCINA - Meti o jipe em cima daquela tralha, arre-
bentei tudo.

ELA RI, DIVERTIDA E VINGADA.

PORCINA - Precisava ver a cara deles... O ^{baixinho} ~~pequenin~~
~~rinha~~ então só faltava arrancar os cabelos...

ELA NOTA A RESERVA DE MALTA

PORCINA - Mas você tá com cara de quem não aprovou
muito...

MALTA - Não é isso, acho que você fez bem...

PORCINA - Não é um desaforo o sujeitinho não querer
que eu leia a estória antes de filmar? Pomba, eu
tenho esse direito, não tenho?

MALTA - Claro que tem, coração. Só que... sabe, a
gente não pode levar essa briga até as últimas con-
sequências... Quer dizer, não convém... é perigoso...
e você sabe porque.

PORCINA - Você acha que tem perigo?

MALTA - Sempre convém não mexer ~~nizuma~~ em coisa
que pode foder...

PORCINA - Mas depois de tanto tempo...

MALTA - Sei lá... Quando esse pessoal começou a es-
crafunchar muito a vida de Roque, pergunta daqui,
pergunta dali, ~~nizuma~~ eu passei um tem-
po de orelha em pé... Por isso convém não provocar
muito, porque, como diz o ditado, quem tem telhado
de vidro não joga pedra no telhado do vizinho...

PORCINA - Pode ser, mas que eu ~~quis~~ vou bater o pé,
vou. Quero saber como é que vai ser essa fita. Mesmo
porque essa é uma estória que ~~tem~~ pode

ser contada de muitas maneiras, tu sabe.

MALTA - Pois é por isso...

PORCINA - Por isso a gente precisa saber. Roque tá morto e morto não tem costume de reclamar. Mas a gente tá vivo. E quem tá vivo tem que se cuidar...

CORTE

SET - SAGUÃO DA Pousada - NOITE

ROSALI E NINON SENTADAS A UMA

MESA. O PORTEIRO NO SEU POSTO.

MATILDE DESCE A ESCADA, SOLÍCITA,

VINDO AO ENCONTRO DE SINHOZINHO

MALTA. MATILDE - Sinhozinho Malta!

SINHOZINHO BEIJA A MÃO DELA COM UM

SORRISO MALICIOSO. MALTA - Como vai a minha amiga?...

MATILDE FAZ CHAME

MATILDE - Aqui, abandonada pelo meu amigo... Nunca mais veio aqui...

MALTA - Tenho andado pra baixo e pra cima, sem tempo nem pra me coçar...

MATILDE - Negócios...

MALTA - É, negócios.

MATILDE - Tem vendido muito gado?

MALTA - A época não é muito boa, mas não posso me queixar. Felizmente eu lido com um produto que tem sempre freguezia certa: carne.

MATILDE - E ainda dizem que a carne é graca...

MALTA - Pois é o meu forte...

OS DOIS RIEM GOSTOSAMENTE.

MALTA - Por falar nisso, ouvi dizer que chegaram umas meninas que vão trabalhar na buate...

MATILDE FAZ SINAL PARA ROSALI E NINON

MATILDE - Rosali... Ninon...

ROSALI E NINON VÃO À MESA DE MATILDE.

MATILDE - Que Este é Sinhozinho Malta, nosso amigo e protetor.

MALTA CUMPRIMENTA, SORRIDENTE

MALTA - Olá... você é Rosali...

NINON - Não, eu sou Ninon.

MALTA - Parabéns, Matilde, você sabe escolher. Boni-

tas moças. Elas... cantam?

MATILDE -- Cantam, sim. Dançam também.

MALTA OLHA AS MOÇAS COM IN-

TERESSE.

MALTA -- Cantam e dançam. Que maravilha. Devem ter também outras habilidades...

MATILDE -- Têm, sim. As duas têm muito talento.

MALTA -- Talento e formosura...

ROSALI -- O senhor vai à inauguração da buate?

MALTA -- Vou, claro.

MATILDE -- O senhor sabe que o padre anda fazendo companhia contra a buate? Até em sermão já falou.

MALTA -- É, sei. Ele foi falar comigo. Tá uma onça.

NINON -- Mas por que, gente? Que é que tem uma buate?

MALTA -- Nada... Se duas meninas inocentes e prendas como vocês vão trabalhar lá, é uma prova que vai ser um lugar do maior respeito.

CORTE

SET -- QUARTO DE ROBERTO E GERSON -- NOITE

ROBERTO AARRUMA-SE PARA SAIR,

GERSON ESTÁ DEITADO NA CAMA,

ÀS-VOLTAS COM O AOTEIRAO DO FILME.

ROBERTO -- Vamos lá, rapaz. As dias estão aí no saguão do Hotel. E estão dando uma bola danada...

GERSON -- Olha que essa fulanas não estão com pinta de gente daqui. Pra mim elas são de Salvador ou do Rio...

ROBERTO -- E daí? Também tá querendo exigir autenticidade nisso?

CORTE

SET -- SAGUÃO DA POUSADA -- NOITE

ROBERTO E GERSON DESCEM A ESCADA.

MALTA CONTINUA CONVERSANDO COM MA-

TILDE, NINON E ROSALI. ~~INXEXXX~~ GERSON -- Eu não te disse?... Já tem um coronel paquerando...

MALTA -- Aquele não é o diretor da fita?..

MATILDE -- É... Estão hospedados aqui. Toda a equipe.

ROBERTO E GERSON FICAM SEM JEITO

DE SE APROXIMAREM.

MALTA -- Vim aqui pra falar com ele.

MATILDE CHAMA --

MATILDE -- Seu Gerson?

GERSON E ROBERTO SE APROXIMAM

MATILDE - Conhece Sinhozinho Malta?

GERSON - Conheço... de nome.

MALTA - O senhor não esteve lá na minha fazenda colher
do informação?

GERSON - Não, foi o ~~homem~~ ^{tandem}, o autor do roteiro quem
esteve.

MALTA - Então o senhor vai comigo agora ~~XXXXXXXXXX~~
~~XXXXXX~~ tomar uma cachacinha lá em casa.

GERSON OLHA PARA ROBERTO, CONHESTRANGIDO

GERSON - Agora?... É que eu e o Roberto.. Conheço
Roberto Mathias?...

ROBERTO - A gente tem um programa...

MALTA - Seu Mathias também vai.

GERSON - Nós agradecemos muito o convite, amanhã tal-
vez...

MALTA INTERROMPE INCISIVO

MALTA - Moço, o senhor não quer fazer essa fita?

GERSON - Quero... aliás, não está sendo fácil...

MALTA - Pois então. Se não quer que fique ainda ~~mais~~
mais difícil, o melhor é ir comigo... provar da
minha cachacinha.

GERSON TROCA UM OLHAR COM ROBERTO.

SENTE QUE O CONVITE É UMA INTIMAÇÃO.

SONOFONIA - ACORDES

COMÉCIAL

SET - CASA DE SINHOZINHO MALTA - NOITE

DETALHE - ~~XXXXXX~~ A MÃO DE SINHOZINHO

ENCHENDO OS CÁLICES DE GERSON E ROBERTO.

ABAE.

MALTA - É de fabricação caseira.

ROBERTO E GERSON PROVAM.

GERSON - Da melhor qualidade.

MALTA - E o seu Mathias... gostou não?

ROBERTO - Gostei, sim... É que eu não sou muito a-
migo de cachaça. Gosto mais de uísque.

MALTA APANHA UMA GARRAFA ~~XXXXXXXXXX~~

DE UÍSQUE NO BAR.

MALTA - Não seja por isso... Você é que vai fazer o
papel de Poque Santeiro?

ROBERTO - Sou...

MALTA OBSERVA ROBERTO, ENQUANTO

LHE SEVE UMA DOSE DE UISCUE. MALTA - Não se parece muito. Roque era mais
griinha magro, mais ossudo.

GERSON - Sabe que por mais que a gente pesquisasse,
não se conseguiu uma só fotografia dele? Mandamos
^{amãxiu}
~~diversas expedições~~ uma foto tirada na praça,
onde ele aparecia no meio do povo. Mas ficou péssi-
ma.

ROBERTO - O senhor conheceu ele?

MALTA - Conheci, claro.

GERSON - Oh, Roberto, você não leu o roteiro?

ROBERTO - Li...

GERSON - Pois então? Sinhozinho Malta é aparece na-
quela sequencia ~~de~~ dos cangaceiros.

ROBERTO - Ah, sim, é verdade.

GERSON - O ator que vai interpretar o senhor quando
moço ⁵⁵ ~~estava~~ vai chegar daqui a uma semana.

MALTA - Mas o senhor tem muita repponsabilidade, seu
Mathias. Vai fazer o papel de um moço decidido, ^{Valente} um
cabra macho que é o orgulho dessa cidade.

GERSON - Mas o Roberto é um excelente ator. Tenho
certeza que vai fazer o papel muito bem.

MALTA - Não tou duvidando.

ROBERTO - Eu tenho procurado me informar, sentir
bem o ambiente em que ele viveu. Mas tenho uma difi-
culdade. São poucas as pessoas que conheceram Roque.

MALTA - É que naquele tempo, não sabe?, Asa Branca
era uma vila. Tinha uns ^{mil} quinhentos habitantes, se
tanto. Desses ^{mil} quinhentos, a metade era menino. Do
restante, muita gente morreu, que aqui a vida é
^{muita gente buscou outras praças.}
curta. Nesta pouco mesmo.

ROBERTO - E por isso eu acho que a imagem que se
faz dele hoje é um tanto deformada. Mitificada, o
senhor entende?

MALTA - Entendo.

GERSON - Eu acho que isso não tem tanta importancia,
porque é essa visão mítica que ~~nós queremos~~ nossa
fita vai transmitir.

ROBERTO - Mas o meu personagem precisa ter uma ver-
dade. E essa verdade eu não encontro no roteiro, ^{seu}

Eu conheço o Roque-martir, o Roque-herói, o Roque-santo. Mas o Roque-homem, o Roque-gente como é que ele era? O Roque verdadeiro?

MALTA - Eu acho que o senhor tem razão e isso me deixa ainda mais ^{verdade} ~~preocupado~~ do que eu já estava. Roque Santeiro deixou uma viuva.

ROBERTO - Eu queria muito conversar com ela. Isso ia me ajudar ~~para~~ um bocado.

MALTA - O senhor pode conversar com ela. Mas antes disso seu Gerson vai dar a estória da fita pra ela ler. Porque ninguém melhor do que ela pra dizer se esse Roque é verdadeiro ou não.

ROBERTO SE AFASTA.

GERSON - Coronel...

MALTA - Não me chame de coronel.

GERSON - Seu Malta, esta é uma questão de princípios. E em questão de princípios eu não abro mão.

MALTA - Então, seu Gerson, eu tenho um palpite que o senhor não vai fazer essa fita.

ROBERTO, CURIOSO, EXAMINA

A CASA. GERSON SENTE A AMEAÇA; GERSON - O senhor acha que a viuva pode impedir?

MALTA - ^{O caso/ com} ~~é~~ não é só a viuva, seu Gerson, ~~existem~~ ^{existem} ~~inexistem~~ é comigo também.

OS DOIS SE OLHAM NOS OLHOS E

GERSON SE SENTE INTIMIDADO; MALTA - Aceita mais uma cachacinha?

CORTA PARA ROBERTO QUE PASSA

À SALA CONTIGUA E VÊ TÂNIA

DEITADA SOBRE UNAS ALMOFADAS,
("LOLITA", DE V. NABOKOV)
LEND^o UM ROMANCE./ELA ESTÁ DE

COSTAS; ELE SE APROXIMA, ELA SE

VOLTA DE SÚBITO. ELE SORRI. ROBERTO - Olá... Desculpe... Bacana esse romance? "Lolita"... já li. Fortezinho...

TÂNIA - Quem é você?

ROBERTO - Roberto Mathias. ~~Hehehe~~

DECEPCIONA-SE UM POUCO AO VER QUE

ELA NÃO O CONHECE.

ROBERTO - Estou ali conversando com o velho. Você é filha dele?

TÂNIA - Sou.

ROBERTO - Acho que... vou aparecer mais vezes por aqui... A não ser que ~~você~~ ^{você} ~~queira~~ ^{queira} ~~aparecer~~ ^{aparecer} ~~lá~~ ^{lá} ~~no~~ ^{no}

14
- 12 - em Asa Branca
estou filmando... e estou hospedado na Pousada do
Sossego. Se quiser aparecer por lá...

ELA REAGUE, OFENDIDA.

TÂNIA - Aparecer por lá pra que?!

ROBERTO - Pra... pra me visitar, né...

ELA É AGRESSIVA

T

TÂNIA - E você pensa que eu sou o que? Uma vagabunda?!

ELA ELEVA A VOZ E ELE SE
PREOCUPA.

ROBERTO - Que é isso?... Você levou a mal... eu...

TÂNIA - Fora daqui ou chamo meu pai!

ROBERTO - Pelo amor de Deus, calma...

TÂNIA - Seu cafageste!

MALTA E GERSON ENTRAM, ASSUSTADOS

GERSON - Roberto!

MALTA - Que é que foi?!

TÂNIA - Esse cafageste me passou uma cantada, pai.

ROBERTO - Eu?! Essa menina moça está maluca! Eu só falei do livro que ela está lendo... ela não entendeu... Então eu ia... Gerson me conhece... Pelo amor de Deus, coronel... eu seria incapaz...

CORTE

SET - SAGUÃO DA POUSADA - NOITE

ENTRAM ROBERTO E GERSON.

GERSON - Você é um louco, Roberto. Um irresponsável. O coronel me ameaçando não deixar fazer o filme e você ainda vai cantar a filha dele!

OS DOIS SEGUEM DIRETO PARA O

QUARTO, GERSON NA FRENTE E RO-

BERTO ATRÁS, TENTANDO JUSTIFICAR-SE. ROBERTO - Mas quando é que eu ia i-

maginar que aquele garota ia reagir daquele modo?

GERSON - Porque você acha que todas as mulheres do mundo estão ansiosas à espera de uma cantada de Roberto Mathias. Por isso!

ROBERTO - Não é bem assim... mas que diabo, eu até que fui sutil...

GERSON - Sutil! Você só convidou a garota pra vir xxxxxx ao Hotel... Sutil como uma bomba de hidrogênio!

ELES ENTRAM NO QUARTO, FECHAM A PORTA.

ABRE-SE A PORTA DO QUARTO VIZINHO E

TITO SURGE, DE PIJAMA. TITO - Querem fazer silêncio? Minha mulher precisa dormir!

ELE DATE A PORTA.

CORTE

SET - QUARTO DE LINDA E TIPO - NOITE

LINDA ESTÁ DEITADA. TITO ACABOU DE

FECHAR A PORTA.

ELINDA - Que é que houve?

TIPO - É o cafageste do Roberto Mathias, não podia ser outro. Você fez mal em aceitar essa cara pra fazer par com você.

LINDA - Não se trata de fazer par, Tito.

TITO - Você não é a garota dele no filme? Não vão se beijar, se amar?

LINDA - Querido, você leu o roteiro. Não tem nada de mais. Só uma ceninha um pouco mais arrojada...

TITO - Pois é, aquela ceninha... Mas não é isso. É a sua imagem. A imagem que você construiu na televisão e que precisa preservar.

LINDA -- Querido, nós já discutimos esse assunto. Já te expliquei que quero fazer essa fita também pra mudar um pouco. Estou farta da minha imagem.

TITO - Sabe que quando eu imagino você sendo beijada por esse cara me dá um troço... Não por mim, não, ^{minha filha, na minha mãe, principalmente,} ~~mas~~ eu penso e na minha. Imagino ela vendo a mulher do filho dela sendo beijada por um ~~maquinhado~~ tipo dessa espécie. E sinto vergonha, sabe? Vergonha!

ELA ESTENDE OS BRAÇOS PARA ELE.

AMOROSA.

LINDA -- Mas não há motivos, querido. Você sabe que quando eu beijo alguém na tevê ou no cinema, eu só penso em você.

ELA PUXA-O PARA SI E BEIJA.

XXXXX: LINDA - Entenda, querido. É a minha profissão.

TITO -- Eu entendo. Mas será que a mamãe entende? E o tio Gustavo? E a tia Julia? Sei que eles vão entender?

CORTE

SET - SAGUÃO DO HOTEL - NOITE

ROBERTO SAI DO QUARTO E SE DE--

BRUÇA NO JIRAU. O SAGUÃO ESTÁ

DESEERTO. SÓ O PORTELAO, COCHILANDO. ROBERTO - O pior é que acabei ficando na mão. Nem a filha do coronel, nem as pistoleiras, nada. Jejum total.

ROBERTO ENTRA NO QUARTO E

BATE A PORTA.

SONOFONIA - ACOADES

COMERCIAL

EXTERNA - ~~PARA~~XXXXXX IGREJA - DIA

DETALHE - DO SINO TOCANDO.

FUSÃO

PLANO GERAL - DA PRAÇA. AS BEATAS

SE DIRIGEM À IGREJA. ENTRE ELAS,

DONA POMBINHA E MOCINHA. ELAS

CRUZAM COM MATILDE, NINON E ROSALI,

QUE SE DIRIGEM À BUATE. VIMAM A

CARA, OSTENSIVAMENTE. NINON - ~~Essas~~ Essas donas sempre viram a cara pra gente.

MATILDE - O santo delas não combina com o nosso.

CORTA

EXTERNA - BUATE COPACABANA - DIA

PLANO GERAL DA FACHADA COM O LETREIRO:

BUATE COPACABANA, QUE UM PINTOR, TAE=

PADO NUMA ESCADA, ACABA DE PINTAR.

MATILDE, NINON E ROSALI PARAM EM

FABENTE À BUATE.

NINON - Será que amanhã tá tudo pronto?

MATILDE - Tem que estar.

ROSALI - Tá ficando bacaninha.

AS TRÊS ENTRAM NA BUATE.

CORTE

EXTERNA - IGREJA - DIA

OS CRENTES, EM SUA MAIORIA MULHERES,

ESCUTAM O SERMÃO DE PADRE HONÓRIO.

POMBINHA E MOCINHA ENTRE OS FIÉIS.

PADRE HONÓRIO LÊ UM TRECHO DO NOVO

TESTAMENTO.

PADRE - Epístola de S Paulo aos Gálatas, capítulo 6º, versículo 7. "Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção." Nessa mesma epístola, São Paulo diz: "as obras da carne são conhecidas: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, ciúmes, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, ~~gimnásticas~~ glotonarias e coisas semelhantes,

~~XXXXXXXXXXXX~~

a respeito das quais eu vos esclareço, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas pratiquem."

O PADRE FECHA A BIBLIA E SE DIRIGE

AOS FIÉIS.

Meus amigos, com tudo isso Paulo quis dizer que o culto da carne em lugar do espírito leva à perdição. E eu quis lembrar as palavras do Profeta neste momento porque, como todos sabem, ^{depois de} se para amanhã, nesta cidade, a abertura de uma casa noturna, um lugar onde será feito, todas as noites, o culto da carne. O que equivale a dizer, meus irmãos, o culto do pecado, o culto do demônio! Vamos permitir que isso aconteça?

~~ERRE~~ CLOSE DE POMBEIHA E

MOCINHA QUE BALANÇAM NEGA-

TIVAMENTE COM A CABEÇA. Vamos assistir de braços cruzados a essa invasão do vício e do pecado em nossos costumes?!

AS BEATES BEBEM, FANATIZADAS,

AS PALAVRAS DO PADRE. Dizem que isso é resultado do progresso, do ~~ERRE~~ crescimento da cidade... O preço que todos devemos pagar ~~ERRE~~...

~~ERRE~~ O PADRE SOLTA UMA

GARGALHADA SARCÁSTICA. Mentira! ~~ERRE~~ Conversa! Patifaria! Sáfadeza! ^{O patrão desta cidade,} ~~ERRE~~ Roque Santeiro, ^{que era um santo,} ~~ERRE~~ como muita gente imagina, ^{mas} se voltasse hoje à terra onde nasceu ia ficar escandalizado com tanta hipocrisia, tanta senvergonhice!

CORTE

SET - CASA DA VIUVA PORCINA - DIA

DETALHE - DE UM RETRATO DE ROQUE

PINTADO A ÓLEO. ADRE. GERSON CON-

TEMPLA O RETRATO. PORCINA ENTRA,

ELE NÃO PERCEBE.

PORCINA - Bom dia.

GERSON SE VOLTA.

GERSON - Bom dia... É Roque Santeiro?

PORCINA - É.

GERSON - Está parecido?

PORCINA - Não muito.

GERSON MOSTRA OUTRO QUADRO

QUE REPRODUZ A CENA DA MORTE

PELOS CANGACEIROS.

GERSON - A E aquele... é a cena famosa?

PORCINA - É.

GERSON - Interessante... muito interessante. Foi bom eu ver esse quadro. Me deu uma idéia mais precisa do clima da cena.

ELE SE LEMBRA, MOSTRA O ROTEIRO

QUE TEM NAS MÃOS.

GERSON - Ah, trouxe o roteiro para a senhora ler. *Numa li: isso. Vou abrir uma exceção... porque é a senhora.*

PORCINA TEM UM SORRISO DE TRIUNFO.

PORCINA - Trouxe também a conta do prejuízo que lhe dei?

GERSON - Não... deixa pra lá. Só quero lhe pedir um favor: que leia rápido.

PORCINA RECEDE O ROTEIRO

PORCINA - Na semana que vem...

ELE CORTA

GERSON - Pelo amor de Deus! Preciso decidir isso ~~antes~~ *o quanto antes.*

PORCINA *Depois de* - Amanhã é dia do aniversário da morte dele. Vai ter festa, vai ser inaugurada a estátua.

GERSON - Sim, eu sei... mas será que a senhora não podia ler de hoje ora amanhã? Roteiro de cinema é fácil de ler. Eu lhe peço por favor... cada dia que passa é mais dinheiro que se perde.

ELA O VÊ SUPPLICANTE, SORRI.

PORCINA - Tá bem, amanhã de noite:.

GERSON - Amanhã eu volto aqui.

PORCINA - Escute... aquele moço alto que estava lá na praça é que vai fazer o papel do falecido?

GERSON - É... Roberto Mathias, um ótimo ator. Por que, a senhora acha que não é o tipo? Aí o caso é o seguinte: no cinema a gente tem que idealizar um pouco...

ELA CORTA

PORCINA - Não tou dizendo nada. Nem vi ele direito.

GERSON - Pois ele estava querendo conversar com a senhora. Justamente para saber mais a respeito da personagem.

PORCINA - Estava, é? Pois então mande ele vir amanhã aqui. No que eu puder ajudar...

GERSON - Obrigado, muito obrigado. Ele pode vir hoje mesmo?

ELA HESITA UM SEGUNDO

FORCINA - Acho que pode.

GERSON - Vou dizer a ele. Até logo.

ELE SAI. ELA VAI AO PÁTIO,

DEITA-SE NA REDE. CLOSE.

CORTE - FLASH-BACK RÁPIDO

EXTERNA - PRAÇA

ROBERTO - Ela fez de propósito?

FORCINA - Piz, por que, mocinho?

CORTE

FORCINA COMEÇA A LER O ARGUMENTO

DETALHE DA CAPA COM O TÍTULO:

A SAGA DE ROQUE SANTEIRO.

SONOFONIA - ACORDES FINAIS